



A imagem avaliativa de ambientes residenciais voltados para crianças

The evaluative image of children's residential environments

LUANA ALVES DE OLIVEIRA

Mestranda em Design, UFPE (PPGDesign), deoliveira.luanaalves@gmail.com

LOURIVAL COSTA FILHO

Dr. em Desenvolvimento Urbano, UFPE (NDC | PPGDesign | PPErgo), lourivalcosta@yahoo.com

RESUMO

A pesquisa apresentada teve como objetivo avaliar a preferência visual percebida em ambientes residenciais voltados para crianças. Duas características ambientais – contraste e complexidade – foram tomadas para estudo, pela importância de ambas para a experiência ambiental humana. A investigação empírica, estruturada de acordo com a Teoria das Facetas, adotou um questionário *online* – utilizando cenas desses ambientes – como instrumento para coletar os dados, analisados pelo procedimento multidimensional Análise da Estrutura de Similaridade (*Similarity Structure Analysis – SSA*), contando com o auxílio do programa computacional HUDAP (*Hebrew University Data Analysis Package*). Os resultados empíricos revelaram que o contraste baixo e a complexidade moderada influenciam mais a preferência visual por ambientes residenciais voltados para crianças, corroborando com as sugestões teóricas; enquanto o contraste baixo e a complexidade mínima representam o oposto.

PALAVRAS-CHAVE: ambientes residenciais, crianças, contraste, complexidade, preferência visual, ergonomia do ambiente construído

ABSTRACT

The research presented aimed to evaluate the visual preference perceived in children's residential environments. Two environmental characteristics - contrast and complexity - were taken for study, due to the importance of both for the human environmental experience. The empirical investigation, structured according to the Facet Theory, adopted an online questionnaire - using scenes from these environments - as an instrument to collect the data, analyzed by the multidimensional Similarity Structure Analysis (SSA) procedure, with the aid of the computer program HUDAP (Hebrew University Data Analysis Package). Empirical results revealed that the low contrast and the moderate complexity influence visual preference for children's residential environments, corroborating with the theoretical suggestions; while low contrast and minimum complexity represent the opposite.

KEYWORDS: residential environment, children, contrast, complexity, preference visual, ergonomics of the built environment



1 INTRODUÇÃO

A qualidade visual pode ter efeitos poderosos na experiência e no prazer que se sente ao utilizar um ambiente. Por essa razão, a aparência do espaço deve satisfazer os usuários que o experienciam regularmente. Para saber sobre a imagem do ambiente, é preciso avaliar as respostas das pessoas.

Propõe-se então, nesta pesquisa, uma avaliação da qualidade visual percebida em ambientes residenciais voltados para crianças, como usuárias ativas desses espaços ao longo do tempo, pois admite-se que os resultados obtidos gerem parâmetros para o projeto desse tipo de ambiente, podendo favorecer a inclusão, independência de locomoção/exploração e desenvolvimento de autonomia de crianças dentro de seus próprios lares.

A qualidade visual percebida é um constructo psicológico, que envolve avaliações subjetivas para o ambiente ou para os sentimentos humanos sobre ele, sendo os primeiros juízos perceptivos/cognitivos e, os últimos, julgamentos emocionais. Embora a qualidade visual percebida possa depender, em parte, de fatores perceptivos, ela é, para o autor, um julgamento emocional que envolve avaliação e sentimentos, e que, para serem relevantes, devem centrar-se nas dimensões de avaliação que as pessoas usam para avaliar o ambiente (NASAR, 1988), para além daquelas dos especialistas, que têm as suas experiências ambientais marcadas pelo saber científico.

Nos estudos de Vieira (2018), apurou-se o aumento no número de casos de depressão infantil, bem como de crianças diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em idade pré-escolar. Isso pode ser explicado por uma série de fatores, e, entre eles, acredita-se que a falta de preocupação com a qualidade do ambiente deixe de oferecer espaços estimulantes para realizar suas atividades cotidianas, e que a mudança desse paradigma, aliado a outros tratamentos mais específicos, possa reduzir a incidência desses casos clínicos (caso da depressão exógena).

Esses estudos vêm sendo resgatados e expandidos no contexto da sociedade contemporânea, que tem buscado abordagens educativas e de criação mais afetivas, gerando movimentação e cobrança maior pela humanização de espaços, inclusão e estímulo à independência infantil. Nesse sentido, tem-se investido em ambientes infantis mais lúdicos e que ajudem a formar indivíduos capazes de se comunicar de forma democrática, criativa e dinâmica, exigindo que os projetistas busquem repensar seu papel e influência na educação e desenvolvimento dessas crianças.

É, sob esse prisma – no ambiente familiar – que as crianças se sentem mais seguras para aprender, entram em contato direto com os principais valores e costumes de seus cuidadores, adaptam-se às rotinas e praticam suas habilidades motoras. Desse modo, a forma como a casa acolhe a criança e, principalmente, a maneira como o ambiente influencia na experiência dela, ao realizar atividades domésticas cotidianas, parte de projetos inclusivos, ergonômicos e centrados no usuário.

Para elaborar esse tipo de projeto, entretanto, faz-se necessário saber como as pessoas avaliam os ambientes residenciais voltados para crianças: a imagem avaliativa desses ambientes.

A imagem avaliativa surge da pessoa e dos ambientes, além da interação contínua entre os dois. Os observadores, dependendo de fatores internos e ambientais, ignoram alguns atributos, prestam atenção em outros e avaliam o que veem. Essa avaliação pode envolver sentimentos relacionados diretamente ao ambiente e exigir pouca, ou nenhuma cognição, ou atividade mental. Em suma, filtra-se a resposta avaliativa pelas lentes da percepção e cognição do ambiente (NASAR, 1998).



Sobre esse mesmo assunto, Nasar (2000) ainda acrescenta que os estímulos do ambiente – muitos deles pouco notados conscientemente – moldam os sentimentos, os pensamentos e o comportamento, de modo que as pessoas estão mais propensas a ir ou estar em um lugar percebido como favorável, evitando outro que julguem negativamente.

Nesta pesquisa, cabe destacar, a qualidade visual percebida será avaliada através dos julgamentos perceptivos/cognitivos para cenas de ambientes residenciais voltados para crianças – centrando-se mais nas respostas consensuais e deixando para trás as diferenças individuais –, buscando prover informações empíricas sobre a qualidade visual percebida nesses tipos de ambientes.

Imaginou-se, portanto, que seria interessante associar os conhecimentos empíricos da estética ambiental (integra a psicologia ambiental e a estética empírica) à ergonomia do ambiente construído, a partir do interesse das duas áreas, em relação ao modo como as pessoas percebem e tomam decisões nos ambientes que ocupam. O estudo dessa relação favorece a compreensão da preferência em ambientes residenciais infantis e, por conseguinte, revela bases projetuais para esses espaços, além de, mais amplamente, para a melhoria das interações humano-ambiente.

Os estudos na área da estética ambiental apontam para várias características visuais relacionadas às preferências e aos significados sociais – coerência, complexidade moderada, naturalidade, manutenção, abertura e estilo – e duas delas – coerência e complexidade – foram tomadas para estudo nesta pesquisa, devido às suas prováveis influências para a qualidade visual percebida.

O contraste – covariável da coerência considerada para análise – é definido como a variação entre os elementos em relação ao fundo; já a complexidade está relacionada com a quantidade e variedade de elementos na cena. Dessa forma, na investigação proposta, os participantes foram solicitados a avaliar em que medida os efeitos das características de contraste e complexidade, em diferentes cenas de ambientes residenciais infantis, favorecem a qualidade visual percebida, além de estarem inter-relacionadas com todos os elementos visuais da cena, favorecendo assim, a abordagem sistêmica do ambiente, como preconiza a ergonomia do ambiente construído.

No sentido de auxiliar o delineamento da investigação proposta, inicialmente foram consideradas três hipóteses: (i) o contraste e a complexidade são aderentes para a avaliação da qualidade visual percebida em ambientes residenciais infantis; (ii) o contraste baixo e a complexidade moderada, presentes nesses ambientes, estão relacionados com a preferência visual percebida por especialistas e não especialistas em projetos; (iii) os resultados obtidos divergem entre esses dois grupos.

Para tanto, visando responder a essas hipóteses inicialmente propostas, a investigação empírica realizada foi delineada de acordo com a Teoria das Facetas, e teve como objetivo geral avaliar a qualidade visual percebida em ambientes residenciais voltados para crianças.

Considerando-se a cidade do Recife e sua Região Metropolitana, como recorte geográfico/espacial; e especialistas e não-especialistas em projetos de ambientes, como população amostral, selecionada por conveniência e sem utilização de critérios aleatórios, elencaram-se, ainda, três objetivos específicos considerados na pesquisa:

- (i) verificar se as características de contraste e complexidade ambientais são aderentes para a avaliação pretendida;
- (ii) testar os efeitos do contraste e da complexidade de ambientes residenciais infantis na preferência visual (qualidade visual percebida);
- (iii) analisar se os resultados obtidos são consensuais aos dois diferentes grupos.



2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Diversos estudos, recentemente, têm demonstrado que as emoções afetam o desempenho humano e quando elas têm valência positiva, contribuem para minimizar erros e gerar maior prazer no uso de produtos e ambientes. A ergonomia do ambiente construído, foca, segundo Villarouco (2008), na adaptabilidade e conformidade do espaço às tarefas e atividades que serão desenvolvidas, tendo como mediadores os sentimentos e as percepções dos usuários, para atender necessidades funcionais e estéticas do indivíduo, para favorecer um espaço agradável, de prazer e bem-estar.

Nesse contexto, considerando que o espaço projetado será a interface que permitirá trocas e proporcionará a adequação do ambiente às ações que ali ocorrem, as avaliações do ambiente no âmbito da ergonomia do ambiente construído relacionam-se com fenômenos de ordem subjetiva, além daqueles de ordem física e organizacional, relacionadas com as características ambientais, podendo interferir no desempenho do usuário na realização das tarefas que neles são desenvolvidas.

Brofenbrenner (1996), psicólogo cognitivo, ao falar sobre contexto, em seus estudos, destaca que dentro do espaço residencial – desde que sua configuração possibilite o maior número de interações da criança com os ambientes de casa e estimule os seus processos proximais, objetivando influenciar positivamente e de forma direta o seu crescimento saudável – pode-se observar, ao longo do tempo, uma mudança no comportamento e no desenvolvimento da criança, tendo o ambiente imediato um papel fundamental no seu desenvolvimento cognitivo.

O projeto desse contexto (ambiente) onde a criança está inserida pode, assim, ajudar ou atrapalhar suas relações pessoais, já que em um espaço adaptado para facilitá-las, pode-se conseguir resultados mais satisfatórios, que contribuam com seus processos cognitivos, haja vista que o desenvolvimento infantil acontece conforme a criança se envolve de forma ativa com o ambiente físico e social, bem como através da maneira como o compreende e o interpreta. Essa interpretação e compreensão do ambiente pode ser considerada, logo, como uma avaliação estética.

Montessori (2017), ao falar sobre Ambiente Preparado, conceito que discorre sobre a importância que o ambiente da criança tem para o desenvolvimento desta, destaca que esse deve ser do seu tamanho, podendo ter suas funções assimiladas de forma intuitiva, além de oferecer objetos interessantes que despertem sua curiosidade e auxiliem no seu desenvolvimento. Seria, então, um espaço livre e estimulante à independência, onde tudo é organizado, oferecido e preparado para que a criança possa explorar – influenciando seu comportamento e ajudando-a a alcançar seu equilíbrio interior, tornando-a mais concentrada, organizada e calma, e aumentando as chances dessa criança crescer mais feliz, generosa, esforçada, com mais iniciativa, voz, independência e empatia.

Tudo isso seria favorecido a partir de estudos de percepção ambiental e da qualidade visual percebida, que pudessem prover informações objetivas e seguras para o projeto de ambientes voltados para a criança. As ideias sobre atributos da qualidade visual geralmente são baseadas na intuição do projetista ou no estudo sistêmico das preferências e dos significados em relação a esses atributos, no entanto, o ideal seria usar uma combinação dos conhecimentos científico e intuitivo para moldar a qualidade visual de um ambiente.

Para Nasar (2000), embora as preferências e os significados do ambiente variem de indivíduo para indivíduo, é possível fazer algumas generalizações sobre como os seres humanos respondem aos ambientes e trazem ordem à variabilidade aparente. Assim, destacando áreas de concordância, ou



princípios universais, os indivíduos podem não concordar totalmente em suas respostas a um dado ambiente, mas há suficientes sobreposições entre eles para fazer algumas generalizações sobre as respostas, pois podemos tanto avaliar como medir preferências e significados compartilhados.

Admitindo que a preferência das pessoas por ambientes depende de seus propósitos, Kaplan e Kaplan (1989) apontam dois propósitos subjacentes com os quais as pessoas estão sempre considerando, e definiram que há uma predisposição para ambientes com coerência e complexidade, uma vez que, respectivamente, a primeira característica se relaciona com a necessidade do ambiente “fazer sentido”, para que sua estrutura possa ser percebida; bem como promover o “envolvimento”, para ser desafiado ao processar as informações com sucesso.

Em relação à coerência – obtida pela redução do contraste – as pessoas tendem a preferir ambientes que promovam compreensão para que se possa atuar neles. Esse componente do “fazer sentido” tem emergido como uma dimensão proeminente da resposta humana para o entorno, e as pesquisas consistentemente encontram a preferência associada com a coerência. Assim, é sugerido que a coerência alta (contraste baixo) eleve a preferência por ambientes, reduzida para a coerência média (contraste médio), sendo menor para a coerência baixa (contraste alto) da cena.

A complexidade também é consistentemente apontada como uma dimensão proeminente da resposta avaliativa para ambientes. Essa variável envolve o número de elementos diferentes e a distinção entre eles em uma cena. Cenas com poucos elementos, ou muitos elementos semelhantes, parecem relativamente mais simples do que outras com muitos elementos distintos. As pesquisas sobre a preferência por ambientes, geralmente sugerem a complexidade moderada mais associada a essa avaliação (NASAR, 2000). Corroborando com os resultados pioneiros de Berlyne (1972) para a preferência visual por imagens, Wohlwill (1976) encontrou que a preferência por ambientes tem a forma de “U” invertido em relação à complexidade, ou seja, o nível de complexidade moderada do ambiente seria preferido em relação aqueles com complexidade mínima e máxima.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A Teoria das Facetas estrutura o delineamento da pesquisa em uma sentença semântica que relaciona os elementos teóricos e empíricos com seus possíveis resultados (SOLOMON, 2019).

De acordo com a visão de Bilsky (2003), a Teoria das Facetas – criada e desenvolvida por Louis Guttman – é um procedimento de pesquisa que facilita expressar suposições teóricas de tal forma que se pode examinar empiricamente a sua validade. Para que isso seja possível, as facetas são estabelecidas a partir de três tipos básicos: a faceta da população dos sujeitos considerados em uma dada pesquisa; as facetas com o conteúdo das variáveis a serem pesquisadas; e a faceta do racional, que se refere ao universo das possíveis respostas.

Para a construção da sentença estruturadora geral para a avaliação da qualidade visual percebida em ambientes residenciais voltados para crianças (Figura 1), foram consideradas uma faceta de população (especialistas e não-especialistas), duas facetas de conteúdo, relacionadas com as características ambientais de contraste (baixo, médio, alto) e de complexidade (mínima, moderada, máxima), além da faceta de racional, sistematizada em uma escala “Likert” de cinco pontos (nada/pouco/mais ou menos/muito/demais), comum ao quanto dessas cenas apresentadas com diferentes qualidades visuais, favoreciam a preferência por ambientes residenciais infantis.



Figura 1: Sentença estruturadora geral para a avaliação da QVP em ambientes residenciais infantis

Em que medida a pessoa (especialista / não-especialista) avalia que os efeitos das características estéticas de	
FACETA X: CONTRASTE (X1) contraste baixo (X2) contraste médio (X3) contraste alto	FACETA Y: COMPLEXIDADE (Y1) complexidade mínima (Y2) complexidade moderada (Y3) complexidade máxima
e favorecem →	
RACIONAL (1) nada (2) pouco (3) mais ou menos (4) muito (5) demais	a preferência visual percebida em ambientes residenciais voltados para a infância? (uma expressão da qualidade visual percebida)

Fonte: Autores (2020).

Os elementos internos das duas facetas de conteúdo – contraste e complexidade – podem ser organizados de forma semelhante a uma análise combinatória, produzindo nove diferentes conjuntos ($X3 \times Y3 = XY9$), que transmitem situações específicas a serem avaliadas.

É importante estabelecer que a sentença estruturadora geral atua como uma suposição inicial da pesquisa. Costa Filho et al. (2016) afirma que a sentença estruturadora geral deve ser analisada em relação aos resultados empíricos encontrados, ao final da pesquisa, que devem corroborar ou contestar essa estrutura. Após esse processo, as informações promovidas devem ou não servir de base para construção de uma nova sentença.

4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

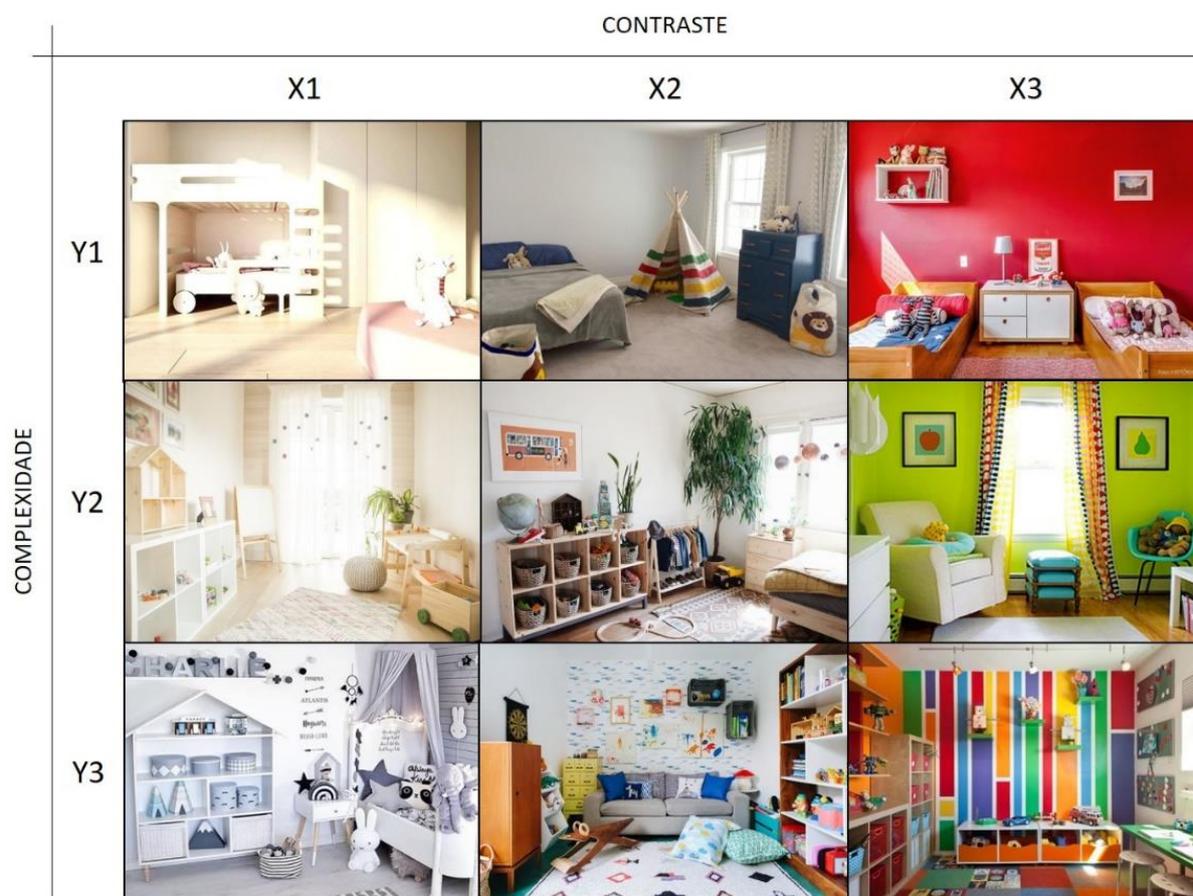
A investigação empírica, do tipo exploratória e sem o emprego de técnicas probabilísticas, utilizou um questionário *online*, elaborado com auxílio do Google Forms, baseado no Sistema de Classificações Múltiplas, como método de procedimento para coletar os dados.

Adaptado por Canter, Brown e Groat (1985), o Sistema de Classificações Múltiplas é um procedimento que consiste em pedir aos participantes para classificar os mesmos elementos diversas vezes, através de critérios por eles definidos (classificações livres) ou pelo pesquisador (classificações dirigidas), para entender seus conceitos/opiniões sobre eles. As classificações consideram a similaridade de modo que elementos de uma mesma categoria tenham algo distinto das demais.

No questionário *online* foram utilizadas cenas de ambientes residenciais voltados para crianças, encontradas no Google Imagens, posteriormente validadas por um grupo de sete especialistas em projeto (arquitetos e designers), que funcionaram como juízes, de modo a obter o consenso sobre os diferentes níveis de contraste e complexidade percebidos em cada cena. Tomou-se também o cuidado de procurar imagens sem a presença de pessoa e que representassem ambientes residenciais com elementos voltados para crianças dentro da faixa etária do que se considera a primeira infância, ou seja, até os seis anos de idade.

As cenas dos nove ambientes – utilizadas como elementos de estímulo para apoiar o questionário *online* – estão diretamente relacionadas às variáveis desta pesquisa, listadas na sentença estruturadora geral para a avaliação da qualidade visual percebida em ambientes residenciais infantis. As cenas apresentam ambientes com diferentes níveis de contraste e complexidade dos seus elementos. A Figura 2 exibe essas nove cenas, em que as colunas variam para os três diferentes níveis de contraste (X1 - baixo, X2 - médio, X3 – alto); enquanto as linhas fazem o mesmo para a complexidade (Y1 - mínima, Y2 – moderada, Y3 – máxima).

Figura 2: Nove cenas representando as relações de contraste e de complexidade



Fonte: Google Imagens, com edição dos autores.

Depois de elaborado, o questionário foi disponibilizado na Internet e seu *link* divulgado em diversas redes sociais dos autores, levando em conta a possibilidade de maior velocidade na divulgação e de atingir o maior número possível de participantes.

Quanto aos procedimentos éticos adotados, no sentido de resguardar o consentimento livre e desimpedido de participação, foi informado: o objetivo geral da pesquisa; que os dados obtidos tinham apenas fins acadêmicos; que se garantia o anonimato; que não havia respostas certas ou erradas, importando apenas a opinião de cada um.



Após solicitar o preenchimento de alguns dados sociodemográficos, os respondentes eram instruídos para avaliar em que medida cada uma das nove cenas favoreciam a preferência visual percebida em ambientes residenciais infantis.

Encerrada a coleta de dados, foram computadas 187 participações, das quais 24 pessoas se identificaram como especialistas (arquitetos/designers de interiores) e 163 como não-especialistas em projeto. Do total de respondentes, a maioria era do sexo feminino (149), tinha entre 31 e 45 anos de idade (86), e nível de escolaridade de pós-graduação (82).

Os dados obtidos foram analisados por meio da técnica não métrica e multidimensional Análise da Estrutura de Similaridade (*Similarity Structure Analysis - SSA*), executada com o auxílio do programa informático HUDAP (*Hebrew University Data Analysis Package*).

O SSA, segundo Roazzi et al. (2009 apud COSTA FILHO, 2012), é um sistema de escalonamento multidimensional idealizado de modo a analisar uma matriz de correlações entre “n” variáveis, representadas graficamente como pontos em um espaço euclidiano, fundamentando-se no princípio da contiguidade que, como tal, traduz as relações de similaridade entre os itens configurados pelas distâncias entre os pontos. As relações de similaridades podem formar regiões de contiguidade que possibilitam verificar se as suposições iniciais, fundamentadas na Teoria das Facetas, são transformadas em suposições regionais, em relação às quais se espera evidenciar regiões que correspondam aos elementos internos de cada faceta.

Para Costa Filho et al. (2016), as facetas têm papel específico na estruturação do espaço multidimensional. Cada região é especificada para um determinado subconjunto de variáveis no espaço multidimensional, que as identifica através de um elemento interno comum pertencente a uma das facetas da sentença estruturadora. Essas regiões tomam formas de separação muito específicas, como faixas paralelas (axial), configurações circulares (modular), ou angulares (polar).

As análises das projeções geométricas produzidas pela SSA podem revelar diversas relações e regras implícitas aos dados obtidos, inicialmente ocultos nas análises usuais. Caso essas suposições regionais sejam confirmadas, aspectos relativamente estáveis do conceito investigado são desvendados, legitimando-os, além de revelar a estrutura interna de conceitos e atributos, o que possibilita a percepção dos componentes empiricamente verificados e o modo como se relacionam entre si (SHYE et al., 1994).

Por fim, para analisar se houve consenso dos resultados obtidos entre os dois diferentes grupos abordados, novamente se utiliza a técnica SSA, complementando-a através da inserção de pontos na projeção base como variáveis externas sem alteração do padrão original, permitindo a integração de subpopulações no espaço do diagrama da SSA, ao examinar a relação empírica entre as variáveis escolhidas, os dois grupos abordados (especialistas e não-especialistas) e a estrutura subjacente.

5 CONSIDERAÇÕES EMPÍRICAS

Os dados obtidos, relacionados à pesquisa *online*, foram tabulados em uma planilha do Microsoft Office Excel, visando ordenar os sujeitos participantes por grupo, e os escores que cada uma das cenas de ambientes residenciais infantis recebeu de cada um desses participantes. Esses dados brutos alimentaram o HUDAP (*Hebrew University Data Analysis Package*) com as informações necessárias para iniciar seu processamento no SSA.



A matriz gerada pela SSA, representando os coeficientes de correlação para as nove cenas de ambientes residenciais infantis, utilizadas para a avaliação da qualidade visual percebida nesses tipos de ambientes, permite gerar um diagrama do espaço, onde cada uma das facetas de conteúdo foi testada, com o intuito de responder às hipóteses e aos objetivos inicialmente formulados.

Para testar cada faceta sobre o espaço do diagrama da SSA, as nove cenas receberam cores a partir do seu pertencimento a um dado elemento interno da faceta. Em seguida, verificou-se a existência de padrões de contiguidade regional, ou seja, padrões reconhecíveis de divisão do diagrama em regiões formadas por cenas de um mesmo elemento interno da faceta considerada.

Os resultados apresentados nos diagramas da SSA revelam que as duas facetas testadas – contraste e complexidade – formam estruturas regionais de contiguidade entre os itens de um mesmo elemento interno, confirmando a aderência de ambas para a avaliação da qualidade visual percebida em ambientes residenciais voltados para crianças, respondendo a uma hipótese inicial da pesquisa.

Através dos diagramas das Facetas X e Y – contraste e complexidade – nota-se que os participantes captaram essas duas categorias, uma vez que elas formam regiões de similaridades (Figura 3a/b). Também é possível verificar que os dois diagramas da SSA mostram formas circulares que dividem cada um deles em três regiões distintas. Os resultados merecem atenção especial, pois esse padrão de divisão denota que essas duas categorias têm forte influência para a avaliação da qualidade visual percebida em ambientes residenciais infantis. As duas facetas desempenham um papel modular nos mapas plotados pela SSA, padrão em que os itens representados na parte central das formas circulares (contraste baixo e complexidade máxima) têm um caráter mais geral e regulador para a avaliação sugerida, do que aqueles das regiões periféricas, que correspondem aos aspectos específicos relacionados com a situação investigada.

Figura 3a/b: Diagramas com os testes para a Faceta X (CONTRASTE) e a Faceta Y (COMPLEXIDADE)

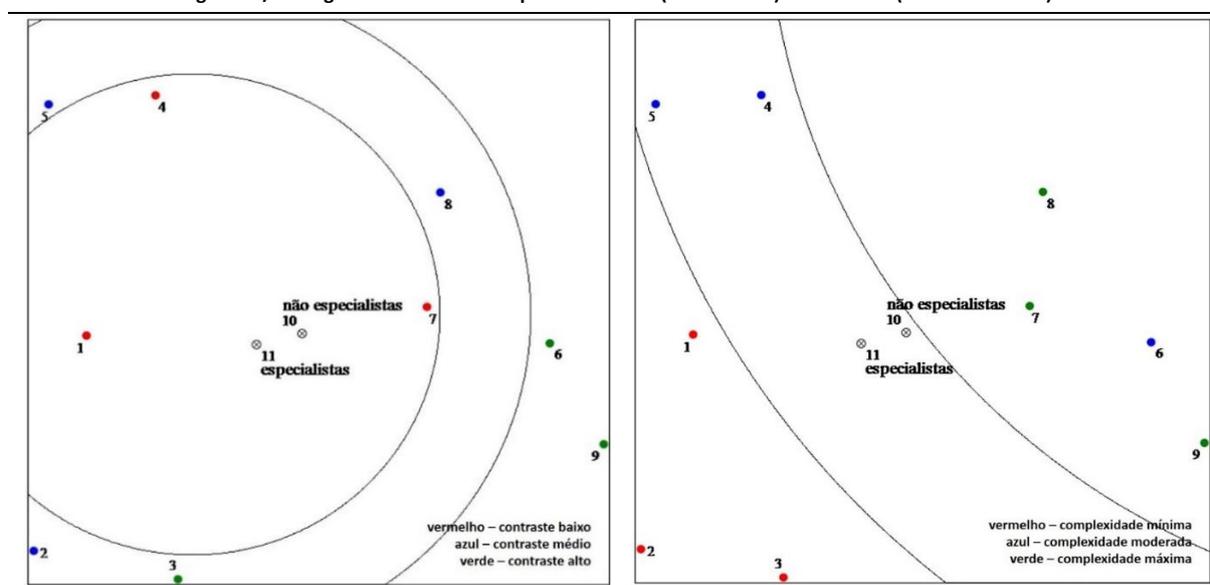


Figura 3a: FACETA X (CONTRASTE)

Figura 3b: FACETA Y (COMPLEXIDADE)

Fonte: Autores da pesquisa baseados nos resultados obtidos

Os grupos entrevistados – especialistas e não-especialistas – estão posicionados nas mesmas regiões nos diagramas da SSA para o contraste (Figura3a), e para a complexidade (Figura3b), sugerindo que ambos foram mais influenciados pelo contraste baixo e pela complexidade moderada na avaliação da preferência visual percebida por ambientes residenciais voltados para crianças, corroborando com a predição teórica de que a redução do contraste aumenta a coerência das cenas, elevando a preferência, e que o interesse aumenta com o estímulo gerado pela complexidade, até certo ponto, considerado ideal, de complexidade moderada. Esse ponto ideal foi regulado a partir das cenas de ambientes com complexidade máxima, nível que aparece na parte central das formas circulares do diagrama da SSA para a complexidade (Figura7b). Há, portanto, consenso entre os dois grupos abordados em relação à preferência visual percebida em cenas de ambientes residenciais infantis.

O Gráfico 1, considerando os escores atribuídos para cada cena, mostra que a cena X1Y2, com contraste baixo e complexidade moderada, foi avaliada como a preferida; enquanto a cena X1Y1, caracterizada por contraste baixo e complexidade mínima, representa o oposto.

Gráfico 1: Qualidade visual percebida nas nove cenas de ambientes residenciais infantis



Fonte: Autores da pesquisa, com base nos resultados obtidos

Figura 4a/b: A qualidade visual percebida em cenas de ambientes residenciais infantis

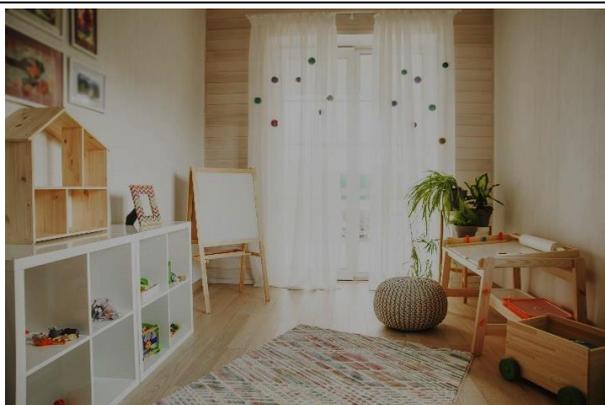


Figura 4a: Cena MAIS preferida (X1Y2)



Figura 4b: Cena MENOS preferida (X1Y1)

Fonte: Google Imagens



A partir dos escores obtidos, tanto especialistas quanto não-especialistas consideraram a cena do ambiente residencial infantil com contraste baixo e complexidade moderada, preferida (Figura 4a/b), portanto com maior qualidade visual percebida, níveis que corroboram com os resultados dos gráficos da SSA e aqueles sugeridos pela teoria.

6 CONCLUSÃO

Conforme buscou-se demonstrar, o ambiente influencia a experiência humana na realização de suas atividades cotidianas e que, para realizar projetos que favoreçam seus usuários, entre outras informações, é necessário saber como as pessoas avaliam a qualidade visual dos ambientes.

Assim, buscando prover informações empíricas sobre a qualidade visual percebida em ambientes residenciais infantis, foi realizada esta pesquisa com o propósito de avaliar a qualidade visual percebida em ambientes residenciais voltados para crianças, cujos resultados serão aqui sintetizados.

Em relação às hipóteses consideradas, corrobora-se que o contraste e a complexidade são aderentes para a avaliação proposta, assim como confirma-se que o contraste baixo e a complexidade moderada presentes nesses ambientes estão relacionados com a preferência visual percebida por especialistas e não especialistas em projetos. Contudo, divergindo da hipótese inicial, houve consenso nos resultados obtidos entre os dois grupos abordados.

Buscando verificar se as características de contraste e complexidade ambientais são aderentes para a avaliação pretendida, apurou-se que os participantes conseguiram captá-las, além de terem conseguido distinguir, nas cenas, seus três diferentes níveis, como revelaram os diagramas do SSA.

Visando testar os efeitos do contraste e da complexidade de ambientes residenciais infantis na preferência visual (qualidade visual percebida), foi apurado que as cenas com contraste baixo (coerência alta) e complexidade moderada estão relacionadas com a preferência percebida nesse tipo de ambiente; enquanto aquelas com contraste baixo e complexidade mínima representam o oposto, segundo declarado pelos participantes.

Ao analisar se os resultados obtidos são consensuais aos dois diferentes grupos, conclui-se que, divergindo do previsto e sugerido pela teoria, ambos são mais influenciados pelo contraste baixo (coerência alta) e complexidade mínima.

Recomenda-se, a partir dos resultados acima sumarizados, que cenas de ambientes residenciais voltados para a criança, para favorecer a qualidade visual percebida, devem evitar o contraste entre formas, cores, texturas e materiais, além de um número moderado de elementos na cena.

7 AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam que agradecer ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro através de uma bolsa de estudos de Mestrado.

8 REFERÊNCIAS

BERLYNE, D. E. *Ends and meanings of experimental aesthetics*. Canadian Journal of Psychology, 26, p 303-325, 1972.



- BILSKY, W. A *Teoria das Facetas*: noções básicas. In *Estudos de Psicologia*, v.8, n.3, p. 357-365, 2003.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CANTER, D.; BROWN, J.; GROAT, L. Multiple Sorting Procedure for study conceptual systems. In CANTER, D.; BROWN, J.; BRENNER, M. (Org.). *Research Interview: use and approaches*. London: John Wiley, 1985.
- COSTA FILHO, L. L.; OLIVEIRA, I. F.; YOKOYAMA, S. A. *A qualidade percebida da paisagem midiática do comércio varejista de Caruaru*. In: MONT'ALVÃO, C.; VILLAROUÇO, V. (Orgs.). *Um novo olhar para o projeto: a ergonomia do ambiente construído*. Recife: Editora UFPE, 2016.
- COSTA FILHO, L. L. *MIDIÁPOLIS: comunicação, persuasão e sedução da paisagem urbana midiática*. 2012. 271f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- KAPLAN, S.; KAPLAN, R. *The experience of nature: A psychological perspective*. New York: Cambridge University Press, 1989
- MONTESSORI, M. *A descoberta da criança: pedagogia científica*. 1. ed. Editora Kíron, 2017.
- NASAR, J. L. *The evaluative image of places*. In: WALSH, W. B.; CRAIK, K. H.; PRINCE, R. H. 2nd. ed. (Eds.). *Person-environment psychology: new directions and perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, p. 117-168. 2000.
- _____. NASAR, J. L. *Visual Quality by Design*. Holland MI: American Society of Interior Designers, Haworth Inc., 2008.
- _____. The effect of sign complexity and coherence on the perceived quality of retail scenes. In: NASAR, J. L. (Ed.). *Environmental Aesthetics: theory, research, & applications*. New York: Cambridge University, 1988. p. 300-320.
- SHYE, Samuel; ELIZUR, Dov; HOFFMAN, Michel. *Introduction to Facet Theory: Content design and intrinsic data analysis in behavioral research*. London: Sage, 1994.
- SOLOMON, E. Guest Editors' Introduction Facet Theory in Organizational Research. *International Studies of Management & Organization*, v. 49, n. 3, p. 233-246, 2019.
- VIEIRA, G. M. *Percepções de sintomatologia de depressão infantil em crianças do 1º ciclo do ensino básico*. Tese de Doutorado – ESEPF, 2018.
- VILLAROUÇO, Vilma. *Construindo uma metodologia de avaliação ergonômica do ambiente - AVEA*. In: Anais do 14º Congresso Brasileiro de Ergonomia. Porto Seguro: ABERGO. 2008.
- WOHWILL, J. F. *Environmental aesthetics: The environment as a source of affect*. In: ALTMANN, I.; WOHWILL, J. F. (Eds.), *Human Behaviour and Environment*, V. 1, p 37-86, 1976.